

A COLUSÃO ENTRE O CATOLICISMO E O INTEGRALISMO NO RIO GRANDE DO NORTE (1932-1935)

RENATO AMADO PEIXOTO*

A investigação do relacionamento do catolicismo com o fascismo no Entreguerras é hoje um dos principais temas de pesquisa da história contemporânea e se reveste de extrema importância para a compreensão da história do tempo presente, na medida em que, trabalhado por meio da aproximação da ‘religião política’, permite juntar suas reflexões para compreender o xenofobismo, o antissemitismo, a islamofobia e os extremismos político-religiosos, especialmente, os movimentos gerados no ambiente do islamismo.

Esta comunicação se junta àquela investigação por meio do exame do caso norteario-grandense, visando pensar a gênese do envolvimento da Congregação Mariana e da Diocese de Natal, na organização, fundação e expansão da Ação Integralista no Estado, buscando ainda, nesse esforço, refinar o conceito de ‘colusão’, empregado pela ‘religião política’ para explicar o confluxo de movimentos antitéticos, como o catolicismo e o fascismo.

Em meu texto ‘Creio no Espírito Cristão e Nacionalista do Sigma’ coloquei os desdobramentos historiográficos da última década na investigação do relacionamento entre catolicismo e o fascismo e, neste trabalho, apontarei os avanços realizados no último ano, buscando recolocar a discussão acerca da aproximação entre História Política e História das Religiões (PEIXOTO, 2015a).

Avançando no exame da relação entre fascismo e catolicismo

Por conta disto, parto das seguintes posições historiográficas: a ‘religião política’ é uma aproximação reconsolidada no campo da história contemporânea e, desde 1979, se chegou a um consenso em torno da viabilidade investigativa do fascismo em torno da

*Professor do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de História da UFRN, Doutor em História pela UFRJ.

fórmula da ‘palingênese’ proposta por Roger Griffin. Conseqüentemente, o conceito de ‘colusão’ é um desdobramento deste conceito, visando deslindar os problemas colocados pela relação do fascismo com o cristianismo e, derivado da ‘colusão’, o conceito de ‘fascismo clerical’ serve para perspectivar a relação do fascismo com o catolicismo (PEIXOTO, 2015a: 89-93).

No mais recente e completo levantamento deste campo de estudo, ‘Catholicism and Fascism in Europe 1918 – 1945’ publicado pela editora Verlag em 2015, Jan Nelis frisa que a historiografia sobre esta relação tem sido sempre caracterizada por correntes ideológicas de posições muito marcadas e conflitantes, uma sustentando a tese de que os católicos apoiaram incondicionalmente o fascismo; outra negando qualquer convergência possível entre a religião católica e a ideologia fascista. Por conta dessa fratura no campo, se tornaria necessário buscar instrumentos metodológicos e teóricos capazes de ultrapassar a ideologização da historiografia e se procurar bem explicitar, por meio destes, focando em contextos geográficos específicos, as relações gerais entre o catolicismo e o fascismo (NELIS, 2015: 13).

Para todos os recortes dessa pesquisa, Nelis propõe que a convivência entre Pio XI e Mussolini poderia servir como teste das relações a serem explicitadas, compreendendo-se que Pio XI teria adotado uma atitude de *realpolitik* ao considerar o fascismo como a opção política mais viável para os católicos e, Mussolini veria a Igreja Católica enquanto um *instrumentum regni* a ser simultaneamente cortejado e intimidado (NELIS, 2015: 9).

Emilio Gentili, procurando suprir as demandas de Nelis, buscou clarificar essa convivência e trabalhar a história de sua historiografia, explicitando que os católicos antifascistas italianos haviam sido os primeiros a interpretar o fascismo como uma ‘religião política’ ainda em agosto de 1922, antes, portanto, da subida de Mussolini ao poder e, que, desde a década de 1940 a pesquisa histórica já negava a ideia de um casamento harmônico [connubio armonico] entre o catolicismo e o fascismo (GENTILI, 2015: 17-18).

De modo a melhor constituir um quadro da convivência de Pio XI com Mussolini, Gentili apontou que o Papa Pio XI foi um dos primeiros católicos a compreender que a sacralização da política era uma ameaça real e uma parte integral dos métodos e da ação fascista e, a fascização do clero era um dos seus principais efeitos. Por seu lado, Mussolini

teria abandonado o anticlericalismo aberto e não pensado em substituir o catolicismo pelo fascismo como religião, porque pensava o catolicismo nos termos da expansão territorial do seu Império e, na medida em que entendia o catolicismo ter se transformado de religião oriental em universal na razão de sua romanização, estando enquadrado, portanto, num espírito italiano que poderia ser sempre reclamado pelo fascismo (GENTILI, 2015: 22-28).

A partir deste quadro, Griffin coloca as seguintes premissas investigativas da relação entre fascismo e catolicismo: primeira, a da sua radical incompatibilidade em termos teológicos, soteriológicos e ‘cosmológicos’; segunda, a da marcada variação do fascismo em cada recorte espacial e a consequente diferença das relações deste com o catolicismo; terceira, que o catolicismo, bem antes do surgimento do fascismo, já vinha sendo atravessado por debates acerca das questões sociais e políticas, centrados em como a teologia e a práxis cristã poderiam ser adaptadas às realidades da era moderna sem renderem-se ao secularismo (GRIFFIN, 2015: 55).

Seria somente a partir dessas premissas que se deveria exercitar a ideia da colusão, ou seja, procurando-se compreender como dois centros de poder procuraram exercer sua influência sobre a sociedade moderna, mas, considerando que estes eram dinâmicos e espacialmente complexos, rivais e hostis e, essencialmente diferentes, sendo um deles a sociedade milenar que sempre teve que se adaptar às transformações históricas, outro a força política profundamente moderna, totalitária e desejosa de impor seus esquemas para resolver as crises de sentido trazidas pela própria modernidade (GRIFFIN, 2015: 56).

Neste sentido, a ideia de ‘colusão’, explicada por Griffin em ‘The Holy Storm’ como “a confluência e síntese de posições antitéticas, com a transformação das crenças religiosas cristãs para que estas se adaptassem ao fascismo” (GRIFFIN, 2008: 1-3), foi retrabalhada em ‘An Unholy Alliance?’ de modo a se poder aplicá-la em múltiplas dinâmicas espaciais. Além disto, se considerou a possibilidade de que algumas destas dinâmicas pudessem espelhar aquilo que o próprio Griffin havia discernido na obra ‘Modernism and Fascism’, enquanto uma “crise de sentido diante do impacto da modernização” (GRIFFIN, 2007). Assim, se discerniriam as possibilidades colusivas desde a mera compatibilidade nas questões sociais (nomeada como ‘duplicidade rasa’), passando daí para a acomodação e o compromisso (a ‘colusão passiva’ e a ‘colusão proativa’), até o

espécime extremo, a ‘hibridização’ entre o nazismo e o catolicismo, reconhecido diretamente por Griffin ao examinar a dinâmica croata entre 1941 e 1945 (GRIFFIN, 2015: 61-63).

Refinando o conceito de ‘Colusão’

De modo a se poder bem empregar o conceito expandido de ‘Colusão’ em relação às diferentes dinâmicas espaciais, penso que é necessário refinar algumas de suas premissas, na medida em que estas dinâmicas conservariam características próprias, problema que noutros trabalhos apontei pela ideia de ‘espacialização’ (PEIXOTO, 2014a: 185-186; 2014b: 38 e 56-57).

No caso norte-rio-grandense, há que se considerar não apenas o desdobramento da espacialidade estadual em direção à regional, mas também as características de espacialização da Igreja Católica a partir da República, que se resolvem nos termos correlacionados da estadualização, da expansão diocesana e da relação com o centro regional e o Governo Federal (PEIXOTO, 2014b: 40-47).

Além disto, há que se considerar que a ideia mesma da modernidade pode ser considerada a partir de diferentes possibilidades de aproximação, em cada dinâmica e, a partir do questionamento do conceito de história teologicamente assumido e afirmado pelos historiadores (PEIXOTO, 2015b).

No que tange à ultrapassagem destes problemas, entendo que o exame da etimologia e do uso clássico do vocábulo ‘colusão’ em inglês possa nos ajudar.

Proveniente do latim ‘colludere’, jogar com alguém, a palavra ‘colusão’ adquiriu em inglês, desde, pelo menos, 1673 (conforme o dicionário de Randle Cotgrave), o sentido de fraude perpetrada por mais de uma pessoa e, a partir disso, foi incorporada ao jargão jurídico, designando o pacto entre duas pessoas ou grupos com o fim de enganar terceiros ou prejudicar seus direitos. Acompanhando esta acepção do vocábulo, pude observar que a apresentação original do conceito ‘colusão’ por Griffin pretendia contornar a ideia de síntese ou sincretismo – a ser pensada somente no extremo da relação entre o fascismo e o cristianismo –, para enfatizar a confluência ideológica, levada a cabo por cada grupo em direção ao jogo do outro, ambos sabedores de sua incompatibilidade.

Note-se que a ideia de conluio, falsidade, presente na acepção do vocábulo em inglês, termina operando na apresentação do conceito de ‘colusão’ contra o sentido puro e amplo de ‘jogo’, contido na origem latina do termo e, colaborando para imprimir à investigação o direcionamento de uma temporalização teológica, em que os termos fascismo, cristianismo e modernidade já estariam assumidos de antemão.

Contudo, existe um exemplo em inglês clássico da aplicação do vocábulo ‘colusão’ na observação científica, que pode ser visitado, tendo em vista refinar a aplicação do conceito na investigação da relação entre o fascismo e o catolicismo.

Em ‘System of Heavens’, uma digressão acerca dos problemas da observação astronômica, Thomas De Quincey utiliza o vocábulo colusão, exatamente no sentido de apontar os erros e as dificuldades ocasionadas ao investigador por seu posicionamento frente ao objeto.

Para De Quincey, a colusão seria também uma combinação fraudulenta, mas, ao contrário de Griffin, esta se daria nas circunstâncias que impedem a observação verdadeira, chamadas de ‘aparências equivocadoras’. Dentre elas, enumeraria a incapacidade do observador em discernir seu próprio movimento daqueles que quis observar; a impossibilidade de discernir entre a magnitude de um objeto e a sua distância; a possibilidade de se confundir conexões objetivas, como as de estrelas duplas, com conexões subjetivas, etc.

Por conseguinte, a simulação e a dissimulação, singularizadas na ideia de colusão, seriam problemas resultantes de nossas falhas investigativas, as quais deveriam ser corrigidas pelo cálculo e observação cuidadosa (QUINCEY, 1863: 185-188).

Assim, reunindo essa posição ao constructo de Griffin, quero aventar, ao menos no caso norte-rio-grandense, que as condições colusivas se reuniram em razão das dinâmicas de espacialização que cruzavam o local, o regional e o nacional, as quais, inclusive, permitiam questionar a ótica de *uma* modernidade.

A ‘espacialização’ e a relação entre catolicismo e fascismo no Rio Grande do Norte

Então, já trabalhando com nossa ideia de ‘espacialização’, penso que buscar *uma* gênese da relação entre o fascismo e o catolicismo norte-rio-grandenses se insere no quadro das ‘aparências equivocadoras’, uma vez que se apresentam uma reunião de fatos e

essências que são dialeticamente inseparáveis e produtores de sentidos que devem ser esclarecidos.¹

Visando trabalhar essas questões e apontar com isso o direcionamento de nossa pesquisa, colocarei, sumariamente, as direções das dinâmicas da relação entre o catolicismo e o fascismo do Rio Grande do Norte recolhidas nos conjuntos documentais acerca desse tema.

Os periódicos desse estado, especialmente *A República* e *A Ordem*, me permitem descortinar que as primeiras discussões do integralismo se deram a partir da Congregação Mariana e com a participação de seus principais dirigentes e, que a fundação mesma da Ação Integralista foi apoiada pela Diocese de Natal e contou com a presença e estímulo de seu Bispo, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas.

A principal motivação do integralismo local era, então, o combate ao legado da Revolução Francesa e, isto foi especificamente justificado por uma temática católica nos discursos de sua fundação. Além disso, abertamente se apontava que não fora por coincidência que o movimento fascista surgia no dia mesmo do aniversário da Tomada da Bastilha, mesma data em que se fundaria o periódico católico.

Mais uma observação em relação a esse conjunto documental é que o nome de um dos representantes do Governo Federal no estado e interventor interino do Rio Grande do Norte em várias ocasiões, o tenente Sérgio Marinho, era lembrado como o incentivador do movimento fascista no meio católico local. Torna-se necessário dizer que esse alinhamento é extraordinariamente revelador das circunstâncias políticas do Estado, dadas as condições excepcionais, que separavam as ‘elites decaídas’, do campo coligado da Diocese de Natal, da Interventoria e do Governo Federal (PEIXOTO, 2014b: 40-42).

Outro conjunto documental, referente ao desenvolvimento da Ação Integralista no Rio Grande do Norte e, especialmente, as entrevistas conduzidas pelo jornalista Luiz Gonzaga Cortez, publicadas no livro ‘Pequena História do Integralismo no RN’, revelam a

¹ Trabalho aqui a questão das origens a partir dos pressupostos derridianos acerca da gênese histórica na abordagem da *Krisis* de Edmund Husserl e em seu diálogo acerca da temporalização da temporalidade com Martin Heidegger (Cf. KATES, 2005; 2008; MARRATI, 2005).

grande influência da ‘Legião Cearense do Trabalho’ e de seu líder Severino Sombra de Albuquerque, na difusão do fascismo na Congregação Mariana de Natal (CORTEZ, 1986).

Sabendo-se que Severino Sombra era vinculado ao Centro Dom Vital, havendo inclusive fundado em Fortaleza um periódico mensal destinado a difundir as ideias do Centro ainda em 1929 e, também, que outro dos fundadores da Legião, o padre cearense Hélder Câmara, possuía grande ascendência sobre o clero norte-rio-grandense e sobre o fascismo local, esta dinâmica revela, não apenas a influência da Igreja e do Fascismo cearense, mas ainda a relação do Centro Dom Vital com este movimento.

Finalmente, as publicações oficiais da Ação Integralista Brasileira (AIB), principalmente a Revista Anauê nos permitem perscrutar as relações do movimento nacional com a expansão em nível estadual e, observar que o primeiro apoio ao ‘Manifesto de Outubro’ de Plínio Salgado, foi divulgado pelos estudantes da Faculdade de Direito de Recife. O primeiro signatário do chamado ‘Manifesto de Recife’ foi Otto Guerra, depois membro destacado do integralismo em nível nacional e Chefe Provincial da AIB no Rio Grande do Norte.

Sabendo-se que Otto era membro importante da Congregação Mariana em Natal e em Recife e que foi fundador da Corporação dos Acadêmicos Católicos de sua Faculdade de Direito, além de membro de seu Comitê Central, compreendemos que a ligação entre os membros da Congregação Mariana e o fascismo pode também pode ser este explorada em nível regional.

Conclusão

Raciocinando as informações dos vários conjuntos documentais,² entendo que o caso norte-rio-grandense demonstra, primeiro, que a relação entre o catolicismo e o fascismo no Nordeste do Brasil na década de 1930 se coloca como um problema, cuja resolução se torna central para outros exames, da conjuntura política, social ou cultural da região, dada a sua abrangência, regularidade e importância daquela relação.

² Trabalho aqui a partir da ideia de uma analítica crítica não-regular por meio dos insumos fornecidos por Jacques Derrida em ‘Paixões’ e definida metodológica e teoricamente (Cf. PEIXOTO, 2015a),

Segundo, que várias dinâmicas de espacialização se cruzam e que, em todas elas, uma diferente condição da relação do catolicismo com o fascismo se mostra, cabendo, portanto, pensar a questão da colusão a partir da sua confluência, flutuação e circulação, nos moldes daquilo que Jacques Derrida insinuava como um exame da ‘monstruosidade’ (PEIXOTO, 2014:185-186 e 192) e, abrindo a possibilidade para que se trabalhe a partir de um exame geopolítico no âmbito mesmo da História (PEIXOTO, 2011).

Terceiro, que as condições da espacialização do Brasil na Primeira República, condicionaram a formulação de identidades e espacialidades estaduais, às quais tanto a Igreja Católica quanto o fascismo tiveram que se adaptar.

Isto torna o Brasil um laboratório excepcional de pesquisas centradas nos conceitos do ‘totalitarismo’ e da ‘religião política’, na medida em que o exame da relação entre o catolicismo e o fascismo pode ser realizado quadro a quadro em cada unidade estadual, aproximação esta que, no recorte da Europa, só cabe ser feita para cada unidade nacional.

Quarto, que esta condição excepcional é acompanhada por um movimento excêntrico em relação ao europeu, na medida em que foi realizado após e a partir do Tratado de Latrão e, concomitantemente, à ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, tornando-se, portanto, reflexivo a estas influências extraordinárias.

Quinto, que se apresenta a oportunidade de repensar a própria formulação do pensamento católico e da organização da Igreja Católica no Brasil e, talvez na América Latina, na medida em que se apresentam condições para pensar que o Centro Dom Vital, ou, seus integrantes, estivessem envolvidos na produção e difusão de híbridos do catolicismo com o fascismo.

BIBLIOGRAFIA:

CORTEZ, L. G. *Pequena História do Integralismo no RN*. Natal: Clima, 1986.

COTGRAVE, R. *A French and English Dictionary*. London: Anthony Dolle, 1673.

GENTILE, E. Catholicism and Fascism. Reality and Misunderstandings. In: *Catholicism and Fascism in Europe 1918 - 1945*. NELIS, J. at all. (Orgs.). Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2015, p. 15-48.

GRIFFIN, R. “The Holy Storm”: Clerical Fascism’ through the lens of Modernism. In: FELDMAN, M.; TURDA, M.; GEORGESCU, T. *Clerical Fascism in Interwar Europe*. London: Routledge, 2008, p. 1-16.

_____. An Unholy Alliance? The convergence between Revealed Religion and Sacralized Politics in Inter-war Europe. In: NELIS, J. at all. (Orgs.). *Catholicism and Fascism in Europe 1918 - 1945*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2015, p. 49-66.

_____. *Modernism and fascism: the sense of a beginning under Mussolini and Hitler*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

KATES, J. *Essential history: Jacques Derrida and the development of deconstruction*. Evanston, Ill: Northwestern University Press, 2005.

_____. *Fielding Derrida philosophy, literary criticism, history, and the work of deconstruction*. New York: Fordham University Press, 2008.

MARRATI, P. *Genesis and trace: Derrida reading Husserl and Heidegger*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 2005.

NELIS, J. at all. The study of the relationship between catholicism and fascism, beyond a manichean approach? In: _____ (Orgs.). *Catholicism and Fascism in Europe 1918 - 1945*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 2015, p. 9-14.

PEIXOTO, R. A. “Creio no espírito cristão e nacionalista do Sigma”: Integralismo e Catolicismo nos escritos de Gustavo Barroso, Padre J. Cabral e Câmara Cascudo. In: RODRIGUES, C. M.; ZANOTTO, G.; CALDEIRA, R. C. (Orgs.) *Manifestações do pensamento católico na América do Sul*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015(a), p.80-104.

_____. A Flecha e o Alvo - As origens, as transformações e a função do curso de História da Cartografia lecionado por Jaime Cortesão no Ministério das Relações Exteriores. *Antíteses* (Londrina), v. 7, p. 184-209, 2014(a).

_____. Duas Palavras: Os Holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. *Revista de História Regional*, v. 19, p. 35-57, 2014(b).

_____. O Fantasma de Gustavo Barroso e o Espectro da Nação. In: DANTAS, E. *Gustavo Barroso o Führer brasileiro*. Natal: Ideia, 2015(b), p. I-XV.

_____. Zona de confluxo: a investigação da historicidade do espaço por meio do exame do afastamento da História em relação à Geografia. *Revista Porto*, v. 1, p. 111-126, 2011.

QUINCEY, T. de. System of the Heavens as Revealed by Lord Rosse's Telescopes. In: _____. *Last days of Immanuel Kant and other writings*. Edinburgh: Adam and Charles Black, 1863. p. 167-205. (De Quincey's Works, v. III).